

REPRODUÇÃO

A cidade criada para ser "manjedoura" de Brasília

Moradores antigos de Núcleo Bandeirante, que comemora hoje 48 anos, lembram a época em que a capital federal era apenas um sonho

FLAVIANA ANDRADE

Em 1956, com o início da construção de Brasília, começava a ser erguida a história de uma cidade que contou com a mão-de-obra e o sonho de imigrantes vindos de todos os cantos do País: o Núcleo Bandeirante, que hoje completa 48 anos.

Atualmente, a cidade comporta 22.680 habitantes, dos quais 11,4% são famílias de imigrantes, com cinco anos ou menos de residência no DF.

Para José Ronaldo Persiano, 45 anos, administrador regional do Núcleo Bandeirante, a cidade oferece uma boa qualidade de vida. Os dados o confirmam, registrando apenas 2% das crianças de 7 a 14 anos fora da escola e apenas 0,9% da população no índice de analfabetos.

"Temos problemas como várias outras cidades, só que em menor proporção", avalia. "A área de educação é muito boa: temos oito escolas públicas e quatro particulares". Co-

mo nem tudo é perfeito, ele lembra um fator que merece atenção das autoridades: "A maior reclamação é em relação à segurança".

CIDADE LIVRE - Originalmente construída para abrigar imigrantes e servidores da Novacap, Núcleo Bandeirante, no início, chamava-se Cidade Livre, por ser uma isenta de impostos. Ali chegavam pessoas dos mais variados lugares.

Casas, mercados, bares e outros estabelecimentos eram

construídos de madeira e recobertos com chapas de alumínio, zinco e até mesmo com palha. Nas ruas, só havia chão batido. A energia elétrica e a iluminação eram fornecidas por motores e geradores de propriedade particular, pois ainda estavam em conclusão as obras da Usina Hidrelétrica de Saia Velha. A captação de água era feita por meio do Córrego Vicente Pires.

Tanto tempo depois, a história da cidade dos pioneiros de Brasília ainda é viva. João

Cândido da Silva, 65, dono do Hotel Potiguar, lembra com clareza de suas primeiras impressões: "Cheguei aqui em 14 de abril de 1960. Vim em busca de um sonho. Aqui cheguei e aqui fiquei. Gosto muito daqui, onde vivi anos difíceis".

Ele se refere a situações imprevistas, como as três vezes em que enfrentou incêndio em casa. "As instalações elétricas eram precárias e os incêndios eram bastante comuns", recorda. Nem por isso, ele desanimou. "Eu não desis-

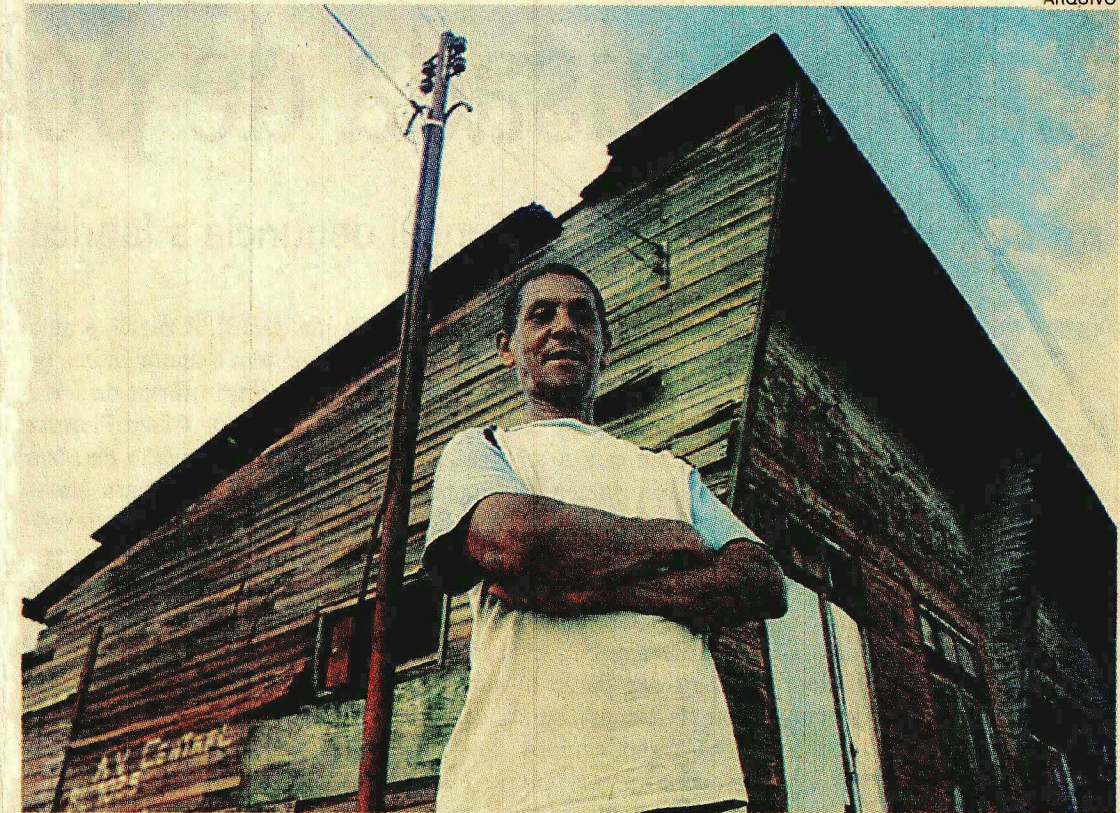
ti, e todas as vezes parti para a reconstrução".

Entre as batalhas relatadas pelo comerciante, destaca-se o grande movimento para que colocassem fim à cidade. "A Cidade Livre era provisória e as autoridades queriam passar com o trator por cima, depois que a construção de Brasília terminasse", recorda. O movimento pela permanência da cidade contou com a força e determinação do padre Roque Valiati Baptista, falecido em junho

de 1994. A figura do padre pode ser encontrada de várias formas pela cidade. Uma delas é o busto em frente à Paróquia São João Bosco.

Maria Maura Figueiredo, 54, diretora da Escola Salesiana, conviveu com o padre logo que chegou, em 1960. Foi ele quem custeou seus estudos. Ela lembra com carinho da fraternidade que existia na época. "Meus vizinhos faziam sempre um mingau e ofereciam à minha família, que era muito pobre".

ARQUIVO



Antônio Elário, dono da casa que foi o primeiro hotel, até hoje não tem a escritura do imóvel



Os pioneiros (candangos) começaram a chegar no ano de 1956